

REPRESENTAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDANA CIBERPOESIA DE ANTERO DE ALDA

SILVESTRE, Hugo de Andrade (UNIEV)¹
SILVA, Débora C. S. (UNIEV/UEG)²

RESUMO: A produção cultural tem passado por grandes mudanças nos últimos anos, devido à intensificação do desenvolvimento tecnológico e do acesso a novos instrumentos de comunicação e escrita. Inserida neste contexto, está a Literatura Gerada por Computador (LGC). Diante disso, este trabalho objetiva expor as representações da “modernidade líquida” na obra de Antero de Alda, poeta português que elabora e difunde suas produções por meio de ferramentas como o computador e a Internet. O autor se expressa fazendo uso da convergência de mídias, sendo suas páginas compostas por fotos, áudio, animações e palavras. Assim, propõe-se aqui uma discussão sobre as mudanças ocorridas nas relações entre autor, obra e leitor na contemporaneidade, visto que estas se tornaram fluidas e efêmeras e não apresentam fronteiras bem delimitadas entre emissor e receptor. Concomitantemente, discute-se a composição estético-formal de hipertextos – construídos com elementos verbais e não verbais – na abordagem de temáticas contemporâneas (conflitos políticos, guerras, demandas sociais, minorias, questões ambientais). A pesquisa desenvolveu-se a partir da interpretação e análise de poemas disponíveis no endereço <http://anterodealda.com/>, considerando-se as dimensões referencial e simbólica da linguagem poética. O cerne das análises são as proposições de Bauman sobre as transformações sociais do início do século XXI, quando apresenta e discute o conceito de “modernidade líquida”.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura. Modernidade Líquida. LGC. Antero de Alda.

REPRESENTATIONS OF LIQUID MODERNITY IN ANTERO DE ALDA'S CYBERPOETRY

ABSTRACT: The cultural production has been through great changes in the last years, because of the intensified technology development and the access to new instruments of communication and writing. Inserted in this context, is the Literature Generated by Computer (LGC). This job has as goal to expose the representations of the “liquid modernity” in Antero de Alda’s job, Portuguese poet whose makes and broadcasts his works having as tools the computer and the Internet. The author express himself using a variety of Medias simultaneously, and his pages are composed by photos, audio, animations and words. On this way, is propose here a discussion

about the changes occurred in the relationships between author, job and reader in the contemporary era, realizing the boundaries aren't really outlined anymore, in spite of it they are fluid and ephemeral. At the same time, is discussed the aesthetic and formal composition of hypertexts – constructed with verbal and non verbal elements – in approaching of contemporaries themes (political conflicts, wars, social demands, minorities, environmental issues). The research was developed use the interpretation and analysis of poems in the web address <http://anterodealda.com/>, considering the referential and symbolic dimensions of the poetry speech. The center of the analysis is the proposal of Bauman about the social transformations in the beginning of XXI century, when he presents and discusses the concept of “liquid modernity”.
KEYWORDS: Cyberculture. Liquid Modernity. LGC. Antero de Alda.

A relação do homem com a linguagem e os avanços por que ela passou mostra-se como um oportuno tema para o início de nossas reflexões neste trabalho. Não restam dúvidas de que o desenvolvimento da humanidade está ligado intrinsecamente à elaboração da linguagem e às condições comunicativas das vivências sociais do homem. Sobre esse assunto, Castells (2007, p. 413) ressalta os seguintes fatos históricos:

Por volta do ano 700 a.C., ocorreu um importante evento na Grécia: o alfabeto. Essa tecnologia conceitual, segundo os principais estudiosos clássicos como Havelock, constituiu a base para o desenvolvimento da filosofia ocidental e da ciência que conhecemos hoje. [...]

Uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo 2.700 anos depois, ou seja, a integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa. Ou em outras palavras, a formação de um hipertexto e uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana.

Esse momento histórico de grande mudança interfere em como se pensam os processos de comunicação e sua efetividade nas relações interpessoais. Assim, escrever, produzir textos e, conseqüentemente, produzir literatura são ações que passam por uma recontextualização em decorrência da presença do computador e da Internet na vida cotidiana atual; presença percebida por Castells como “um hipertexto e uma metalinguagem”. Em 1999, em sua obra *Cibercultura*, Pierre Levy já prenunciava uma cultura emergente que trazia em seu bojo uma série de novas oportunidades possibilidades a partir das tecnologias da informação, fundamentadas na integração entre indivíduos e coletividades com agilidade.

O advento dessas tecnologias acontece em um ambiente sócio-históri-

co apontado por Bauman (2001) como modernidade líquida. As sociedades humanas, segundo o autor, passam por uma radicalização da modernidade no que tange a negação do passado e a reinvenção constante do presente com o intuito de aperfeiçoar infinitamente o homem e suas criações. Esse ambiente acaba por criar nos indivíduos a sensação de instabilidade e insegurança diante do imperativo de se reinventar a cada instante.

É no cenário traçado por esses autores que se localiza a produção de Antero Alda, poeta português que publica suas criações literárias online (<http://anterodealda.com/>). A obra de Alda conjuga na forma, no suporte e no conteúdo os elementos que compõem a modernidade líquida como as reações do homem a instabilidade difundida em sua vida.

Portanto, objetiva-se neste trabalho a análise da poética de Antero de Alda e as possíveis representações da modernidade líquida em seus poemas. Para isso, inicialmente revisitar-se-á as análises de Bauman sobre a contemporaneidade; em seguida, serão discutidos os conceitos de cibertexto e hipertexto; em um terceiro momento, será analisada a obra de Antero de Alda a partir das perspectivas oferecidas por Bauman; por último, apresentar-se-á considerações sobre a análise realizada.

Devido à múltipla e fecunda produção online de Antero de Alda, a análise deste trabalho será focada em duas obras: *Retrato e transfigurações*, por ter como temática as tradições portuguesas e a velhice; *Poema Puzzle*, por representar as angústias e conflitos dos séculos XX e XXI em uma perspectiva global. As escolhas foram feitas para que abarcassem o tradicional e o novo, o local e o global, demonstrando uma quebra das fronteiras geográficas e temporais.

I A VIDA E A MODERNIDADE LÍQUIDA

Um olhar mais atento sobre a sociedade contemporânea e suas produções artísticas faz com que emirjam indagações quanto ao que as coletividades humanas estão vivenciando e quais representações produzem de suas realidades. Bauman (2001) oferece a perspectiva da liquidez, apresentando relações humanas marcadas por características modernas radicalizadas ou aprofundadas, sob as quais as transformações eminentes são companhia ininterrupta do homem.

Buscando compreender melhor o que autor nos oferece como interpretação da contemporaneidade, é necessário primeiro perceber o que foi a modernidade para ele.

Podemos pensar a modernidade como um tempo em que se reflete a ordem – a ordem do mundo, do hábitat humano, do eu humano e da conexão entre os três: um objeto de pensamento, de preocupação, de uma prática ciente de si mesma, consciência de ser uma prática consciente e preocupada com o vazio que deixaria se parasse ou meramente relaxasse. (BAUMAN, 1999, p. 12)

Desta forma, o homem a partir do iluminismo lançou-se ao projeto de ordenar o mundo em que vive por meio do raciocínio lógico e da ciência. Entretanto, para Bauman (2001), houve um declínio das expectativas iluministas de que é possível um ordenamento da vida e que, assim, estar-se-ia em uma trajetória linear e evolutiva para o alcance da perfeição em um momento futuro. O amanhã deixou de ser alvo de esperanças quanto a uma vida e um mundo necessariamente melhores. Os processos de modernização não alcançaram o objetivo de gerar ordem na vida humana de forma completa e eficiente.

Mesmo assim, o dinamismo moderno (sua velocidade não registrada anteriormente na história) e sua constante tentativa de construção de harmonias sociais persistem e adentram o século XXI, porém de forma mais intensa e aprofundada, gerando a sensação de instabilidade e vulnerabilidade contínuas. Assim:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas de convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro – em nome da produtividade ou da competitividade). (BAUMAN, 2011, p. 36)

O vislumbre de possibilidades de aperfeiçoamento, de redimensionar processos e estruturas, leva a uma insaciedade e ao mover em direção de constantes mudanças e até mesmo transformações, o que acaba por fortalecer a sensação de deslocamento e não enquadramento. Bauman (2001) afirma que, diferentemente do período anterior, não são mais oferecidos aos indivíduos “lugares” e

“reacomodação”, ates mesmo que haja uma acomodação do sujeito em relação ao mundo que o cerca e à realidade que experimenta lhe é apresentado o imperativo de que é necessário se modificar, adaptar, para que não seja marginalizado ou até mesmo eliminado da sociedade.

Considerando este contexto, em *Vida Líquida* (2009), Zygmunt Bauman indica que “livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las” (p.8). Em decorrência disso, os indivíduos veem-se na tentativa de acelerar sua capacidade de alcançar objetivos e autoindetificações, preparando-se para que possa “largar” suas realizações e referências em uma nova busca em sua vida. Não há oportunidade para a estabilidade e consideração da concretude das coisas que o cercam, “[...] a ênfase recai em esquecer, apagar, desistir e substituir” (p.9). Cabe um friso sobre a última ação apontada: substituir. Institui-se um ciclo a partir da substituição, a sobrevivência do sujeito depende do finalizar momentos e sucesos para reiniciar-se com novas conquistas a serem “largadas” e “substituídas”.

Na apresentação de Bauman (2009) de como se dá a vida na modernidade líquida, o componente da liquidez das fronteiras territoriais é fundamental no fluxo de destruição de modos de vida elaborados e na formação e novos modos de vida. Isso se realiza em âmbito global, como uma espécie de corrida em que todos se despem a cada momento e vestem-se de maneira renovada para um novo contexto de sobrevivências. A luta individual, sucintamente, é descartar para não ser descartado, concorrendo com todos independentemente de onde se localizem no espaço – continentes e países deixam de ser barreiras para a competição nesta sociedade.

Deste ponto surgem as inquietações e temores humanos na modernidade líquida. Acompanhar as realidades que se impõem sucessivamente, mas não com linearidade, em ritmo acelerado não permitindo que haja descompasso entre as habilidades, conhecimentos e identificações que se detêm e o ambiente em que se vive é um desafio. Desenvolver a capacidade de ser tão líquido quanto o meio que nos envolve mostra-se desafiador.

A inquietação e as sensações que surgem a partir do confronto com a não linearidade dos fenômenos sociais e da liquidez de tudo que compõe a vida social acabam por transparecer nas produções artísticas, e assim o é na literatura e sua variante no ambiente em rede da Internet, a ciberliteratura.

2 POESIA DIGITAL EM HIPERMÉDIA

O advento do computador e da Internet durante a segunda metade do século XX enriqueceram as possibilidades de produção cultural e, de maneira mais específica, da literatura. As modalidades de texto literário se multiplicaram e modificaram no ambiente virtual, originando o cibertexto e os debates dele decorrentes. O delineamento entre textos e elementos que compõem o processo locucional deixou de ser percebidos como demarcações claras e ganharam traços de liquidez, sendo muito voláteis.

Primeiramente, partiremos do que Pedro Barbosa apresenta como sendo a Literatura Gerada por Computador.

Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura são termos que designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso corrente. Tal uso criativo do computador, extensível de forma geral à Arte Assistida por Computador e à Ciberarte (composição musical, criação de imagens sintéticas, cinema animado por computador, etc.), varia consoante as potencialidades gerativas do algoritmo introduzido nos programas. [...] (BABOSA, 1998, online)

Percebe-se que nesta modalidade de literatura surge uma simbiose entre autor e computador. Este último participa do processo criativo como um aparato que manipula os signos verbais, sendo elemento ativo da produção artística. O material fornecido pelo autor para que se inicie a criação da obra é alterado pelo computador, havendo como resultado algo diferente do que fora apresentado inicialmente. Na visão de Barbosa (2001), o computador é uma máquina semiótica, que ultrapassou os limites da simples armazenamento de informações (função esta que não foi descartada), por isso participa ativamente da ação criativa.

Ainda segundo Rui Torres (2010, p.118), “ a ciberliteratura designa aqueles textos literários cuja construção assenta exclusivamente em procedimentos informáticos: combinatórios, multimidiáticos ou interactivos”, o que corrobora com a exposição de Barbosa. Oferece, ainda, Torres uma útil exemplificação de como essa produção textual pode ocorrer:

Para melhor exemplificar o modo como os computadores modificam e ampliam tanto a leitura quanto a escrita, proponho aqui falar de três posturas possíveis na aproximação da criatividade literária ao meio digital. São elas, em primeiro

lugar, o hipertexto e a hiperficção; em segundo lugar, o texto animado, interactivo e multimídia; e, finalmente, o texto gerado por computador. (TORRES, 2004, p. 323)

Além do emprego dos recursos da informática, a ciberliteratura é uma produção não linear que pode ser identificada por partilhar das características inerentes à Internet: efemeridade, estrutura em rede, instantaneidade, convergência de mídias e interatividade com destinatário. Tal descrição também coaduna com as análises elaboradas por Bauman (2001) sobre a liquidez que permeia a sociedade. A escrita no ambiente virtual, em suas diferentes etapas de produção e recepção, apresenta-se líquida, podendo ser descartada e substituída, apropriada e desapropriada, em alta velocidade.

Merece uma atenção especial a estrutura em rede, intimamente ligada a ideia de hipertexto. A escrita na Internet é uma produção composta por uma série de "nós" que se intercomunicam, possibilitando vários caminhos a serem seguidos pelo leitor/receptor. A intertextualidade é levada às últimas consequências, ocorrendo uma interconexão ampla por meio dos chamados "links" disponibilizados nas páginas dos autores. Surge uma construção coletiva em que o texto ganha dimensões novas a cada acesso e caminho percorrido pelo leitor até outros textos.

Quanto a essa oportunidade aberta ao leitor de traçar diferentes caminhos, Rui Torres destaca:

[...] o hipertexto e, por extensão, o cibertexto, constituem uma efectiva ferramenta que concede ao leitor o papel de construtor de sentido. No hipertexto, o leitor pode fazer escolhas e essa é, na verdade, a sua grande utopia: permitir ao leitor tornar-se autor, ou pelo menos co-autor, na medida em que é ele quem pede e requisita a informação, tendo por isso um papel activo na sua seleção e transformação [...] (TORRES, 2004, p. 327)

A leitura é realizada com fluidez, não sendo limitada a uma linearidade ou roteiro. Tal fato já era possível em obras publicadas no suporte tradicional (papel), entretanto não ofereciam agilidade na passagem de um texto a outro. A mudança de um suporte a outro, agora a rede de computadores, trouxe alterações que são percebidas por Pedro Barbosa:

O circuito comunicacional da literatura encontra-se assim alterado, tanto do lado da criação como do lado da recepção. O acto de leitura, enfim, pode tornar-se interactivo, envolvendo a participação do leitor na co-criação do texto final mediante

um processo simultâneo de escrita-leitura: a escreitura [...] De instrumento de criação literária, o computador passa a ter também um papel como instrumento de leitura: a interposição da máquina, como manipulador de sinais e extensor de complexidade, traduz-se assim necessariamente numa nova atitude do autor e do leitor face à obra computacional. (BARBOSA, 1996, p.2)

É notável a quebra de fronteiras entre autor, texto e leitor, como também entre um texto e outros textos disponibilizados na Internet (um hipertexto por natureza). A dicotomia tempo espaço também é rompida, pois as obras disponibilizadas são percebidas pelo receptor instantaneamente. Assim, a ciberliteratura faz-se um componente da cibercultura e da modernidade líquida, sendo *input* e *output* das realidades contemporâneas simultaneamente.

3 A POÉTICA DE ANTERO DE ALDA E A MODERNIDA LÍQUIDA

Antero de Alda formou-se em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e é mestre em Tecnologias Educativas pela Universidade do Minho. Desde o final da década de 1980 destacou-se no cenário artístico português por suas produções fotográficas e poéticas, disponibilizadas em sua página na Internet (<http://anterodealda.com/>) e em seu blog (<http://www.anterodealda.com/blog/blog.htm>), intitulado câmara antiga. O artista demonstra-se ousado em seu experimentalismo ao conjugar linguagem verbal e não verbal, como também empregar recursos oferecidos pelas novas tecnologias da informação.

Sua página na Internet tem como introdução seu último trabalho fotográfico/ poético *Retrato e transfigurações*. Na tela são alternadas imagens de senhoras moradoras de regiões portuguesas de cultura tradicional, acompanhadas por citações de grandes pensadores e escritores, além de cantigas tradicionais portuguesas.



Figura 1 - Página de abertura do sítio de Antero de Alda.

Ao clicar no item "FLASH" na página inicial, abre-se uma nova janela, composta pela imagem de uma senhora portuguesa acompanhada por um poema do autor que reflete sobre ser mulher no interior de Portugal, com suas dores e felicidades:

Se mulher no Portugal interior,
serrano e profundo,
é quase sempre e ainda
sinal de dor e de luto.
Lenços negros são indícios de
perda: perda da juventude que
tudo ameaçou ou perda
do chefe de família que foi
dominante ou – ainda mais doloroso –
as duas perdas ao mesmo tempo. [...]

Beijem-se, multidões!
Parece ser este, apesar de tudo,
o único grito musical destas mulheres
quase sem existência,
resignadas e altruístas;
sem outro poder senão o de tratar do
insignificante (a cozinha, os filhos ...)
Mulheres tantas vezes em lágrimas,
mas sempre à espera de
um mundo melhor,
ensaaiando por fim uma fuga
um hino à alegria.

(ANTERO DE ALDA)

Em seguida, ao clicar sobre a tela, o leitor tem a seguinte imagem a ser

visualizada:



Figura 2 - Página inicial da obra *Retrato e transfigurações*.

Agora, surgem as possibilidades de leitura: ao lado da foto e abaixo da última estrofe do poema, estão os nomes das regiões onde as personagens foram fotografadas (Alentejo, Barroso, Montesinho, Nordeste Transmontano, Peneda-Gerês) e o leitor pode selecionar a que desejar e decidir quais serão visualizadas primeiro e em sequência. Para cada uma das opções, surgem na tela fotografias das mulheres e homens, citações e um pequeno livro de aspecto envelhecido, no qual estão nomes e dados dos indivíduos fotografados.

As citações que surgem na tela na opção Alentejo é o ponto de partida para que se possa analisar a ressignificação que Alda realiza da cultura tradicional portuguesa e da velhice.

<<A solidão não é apenas um desejo de relação, mas da relação certa (...)>> (D.S. WEISS, apud. ALDA, online)

<<O meio urbano, ao gerar diferentes dinâmicas de relacionamento entre os indivíduos, tende a marginalizar os mais fracos, incapazes de manter o seu ritmo e a apagá-los, retirando-lhes qualquer visibilidade social. Envelhecer na cidade é arriscar-se a acabar os seus dias cada vez mais só... >> (PAULA MARQUES, apud. ALDA, online)

O sentimento de solidão é abordado de forma paradoxal entre as citações selecionadas na obra, primeiro um desejo pela relação certa e, depois, como resultado de um processo de exclusão típico de sociedades urbanizadas, em que os considerados incapazes são marginalizados. Associando-se as imagens de homens e mulheres com mais de 90 anos, percebemos que é trazida para o recep-

tor a exclusão da tradição e do passado, daqueles que não se renovam e acompanham as mudanças sociais que ocorrem na modernidade líquida. Os “velhos” são uma representação do que Bauman (2001) indica como inaceitável na realidade de liquidez da sociedade contemporânea, são destinados à margem. O abandono e a exclusão são reforçados na página inicial da obra por uma mosca que pousa sobre a fotografia exposta e caminha sobre o rosto de uma “velha”.

Contudo, ao poeta se apropriar dessas imagens, aliando-as ao seu poema e às citações, ele revive os indivíduos ligados a um modo de vida superado, deslocado dos contextos atuais. Assim também percebe a não linearidade e a quebra de expectativa, ou de compromisso, com a ideia de progresso, fazendo com que o ontem reviva na obra que se integra ao hipertexto que é a Internet.

A velhice torna-se ambivalente em Alda, sendo o que é negado pela sociedade contemporânea e, simultaneamente, uma possibilidade de revisitação às tradições e ao passado, fazendo com que sobrevivam em meio à liquidez.

As demais regiões listadas na obra, ao serem clicadas, abrem-se para as histórias das mulheres fotografadas, suas imagens e citações de clássicos e pessoas comuns.

Retornando a página inicial e clicando em scriptpoemas, é aberta a navegação de uma apresentação de Rui Torres e um painel com poemas de Antero de Alda:

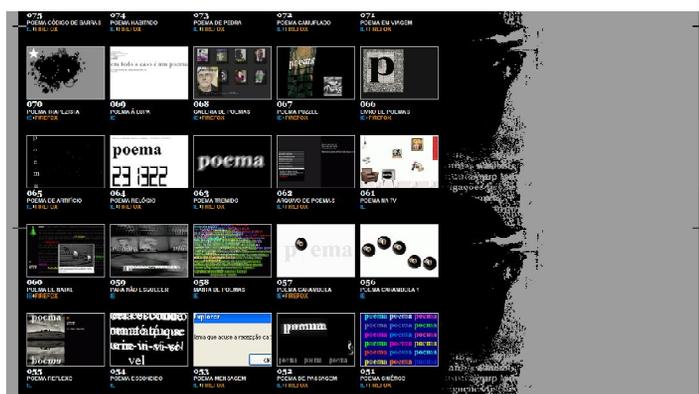
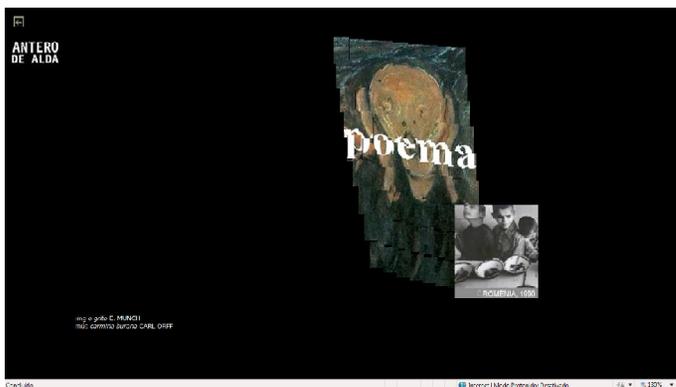


Figura 3 - Painel com poemas para escolha do leitor.

Neste painel, realizou-se a escolha do *Poema Puzzle*.



O poema consiste na presença, em um fundo preto, da tela “O grito”, de Edward Munch, sobre a qual se encontra grafada a palavra poema; mais a direita, no canto inferior, está um quadro em que se alternam imagens fotográficas que fazem referência a fatos marcantes do século XX, como a guerra do Vietnã. Como trilha sonora, a música Carmina Burana, de Carl Off. Conforme o leitor desliza o cursor sobre a reprodução de “O Grito”, a tela se espalha em vários quadrados e lentamente tenta retornar a sua formação original.

Nesta obra, a tela de Munch ganha nova conotação, a música forte e grave, acompanhada pelo dispersar da imagem em pedaços, parece materializar um grito violento de revolta. As imagens abaixo – Camboja, Vietnã, Chad, Romênia, Afeganistão – rememoram violência e miséria pelo mundo durante o século passado – as fotografias estão sempre se alternando.

O grito expressado é global, pois novamente o autor retoma excluídos e marginalizados, aos quais não foram oferecidas oportunidades de integração à renovação e de participação em uma sociedade que se “reinventa” de forma constante. São integrantes de culturas tradicionais, que vivem em regiões desvalorizadas nos processos políticos e econômicos em escala mundial.

O desfazer de uma imagem para o surgimento de outra, como o desmanchar da pintura *O grito*, levam a questionamento sobre instabilidade e falta de força unívoca, de união entre as personagens da tragédia humana em proporções globais. Há um tom de fatalismo na construção do autor.

Em ambas as obras aqui citadas, como em outros poemas disponíveis na página, surgem imagens de minorias (mulheres, negros, crianças, árabes, africanos, velhos) que disputam espaço na sociedade e que lutam por reconhecimento de suas demandas e identidades. São aqueles que se encontram deslocados na modernidade líquida e que não acompanham as transformações constantes. O autor demonstra, mesmo que indiretamente, o fim dos vínculos dos indivíduos com a luta de classes, marcante nas perspectivas marxianas de análise, e o surgimento de disputas difusas entre grupos pequenos e discriminados socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Antero de Alda, disponível em sua página na Internet (<http://anterodealda.com/>), emprega recursos típicos da LGC, como a convergência de mídias e a interatividade, para elaborar textos de caráter literário e caráter poético. Nitidamente, tanto na forma quanto no conteúdo, a modernidade líquida é abordada e representada, ao serem retomados conflitos referentes à exclusão social e marginalização de minorias, como também a interferência da política e da economia globais sobre os indivíduos, intensificando o descarte de modos de vida tradicionais inclusive por meio de guerras e de extermínio. Alda produz literatura engajada com as questões de seu tempo.

O que Bauman (2001) apresenta como sendo a característica central das sociedades humanas contemporâneas, a liquidez e mudança ininterrupta, é o elemento integrante dos textos literários aqui analisados e interpretados. Contudo, percebe-se que se faz necessário um maior tempo de análise considerando um corpus que inclua uma quantidade maior de textos que integrem a obra de Antero de Alda, garantido ainda a análise de elemento como a nova individualidade, a liberdade no ambiente de consumo e a tentativa de retorno ao sentimento de

comunidade.

NOTAS

¹ Graduado em Letras (Centro Universitário de Anápolis – UniEvangélica), graduado em Relações Internacionais (PUCGO), mestre em sociologia (Universidade Federal de Goiás – UFG)/ email: hugoasilvestre@yahoo.com.br

² Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), com Estágio Pós-Doutoral em Literatura e Hipermídia na Universidade Fernando Pessoa, Porto/Portugal (Bolsista CAPES/2010). Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Centro Universitário de Anápolis. Membro da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia (FAPEG/2007) e pesquisadora do Projeto PO-EX 70/80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa (FCT/PTDC/CLE-LLI/098270/2008)/e-mail: desants@uol.com.br

REFERÊNCIAS:

- BARBOSA, Pedro. **Ângulos e virtualidades do texto virtual**. 1996. Disponível em: <http://www.pedrobarbosa.net/artgonline.htm> Acesso em: 07 ago. 2011.
- BARBOSA, Pedro. A Renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador. **Revista UFP**. Porto: Edições UFP, 1998. Disponível em: <http://www.pedrobarbosa.net/artgonline.htm> Acesso em: 07 ago. 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- TORRES, R. Poesia em meio digital: algumas considerações. Porto: Edições UFP, 2004.
- TORRES, R. Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada. **Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa**, Porto, 2010. Disponível em: http://po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=96&Itemid=31&lang= Acesso em: 05 ago. 2011.